

A Escolha Profissional via Filosofia Clínica

Alysson Assunção Andrade *

Keller Reis Figueiredo **

Marcos Aurélio Trindade ***

Resumo

O presente artigo propõe uma incursão sobre os desafios de se escolher uma profissão na contemporaneidade consciente do impacto da tecnologia no mundo do trabalho no início do século XXI, onde se busca, de forma elementar, a apresentação de um caminho para reflexão do sujeito contemporâneo, sem oferecer soluções completas, mas, de forma clara e minuciosa, apresentar possibilidades e oportunidades, sem renunciar a um exame crítico e a uma tomada de posição. Percebe-se que as formas de organização social sofrem, hoje, uma profunda mudança em seu modo de ser, o que muitas vezes impõem ao sujeito a necessidade de um desenvolvimento contínuo de sua capacidade de enfrentamento dos desafios no tocante ao seu modo ser, de se organizar profissionalmente, de se relacionar com as pessoas e com um mundo cada vez mais tecnológico e globalizado que surge ao seu redor. Nesse sentido, a Filosofia Clínica pode desempenhar um importante papel nesse processo na medida em que ela

* Alysson Assunção Andrade é Bacharel em Filosofia pela FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte – MG. Bacharelado em Psicologia pela PUC-MG. Mestre em Ética e Filosofia Política pela FAJE e Doutorando em Psicologia pela PUC-MG. Pesquisador e Professor Universitário. E-mail: alyssondecampos@hotmail.com.

** Keller Reis Figueiredo é Licenciado em Filosofia pela FAPCOM - Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação - SP. Bacharel em Administração, especialista em filosofia clínica, Especialista em ensino de filosofia no ensino médio - Professor de Filosofia da rede estadual de ensino. E-mail: kellerreis.f@gmail.com.

*** Marcos Aurélio Trindade é Licenciado e Bacharel em Filosofia pela FAPCOM - Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação. Bacharel em Psicologia PUC-MG. Pesquisador de Bioética, ativista de direitos humanos, saúde e educação. E-mail: marcos.trindade2014@gmail.com.

possui a capacidade de auxiliar as pessoas no processo de escolha profissional a partir de uma profunda reflexão de si e do ambiente em que se está inserido, com o auxílio do saber que nos foi legado ao longo de mais de dois mil anos pela tradição filosófica da cultura ocidental.

Palavras-chave: Filosofia Clínica. Orientação Vocacional. Mercado de Trabalho. Contemporaneidade.

Abstract

This article proposes an incursion on the challenges of choosing a profession in contemporary times, aware of the impact of technology in the world of work in the beginning of the 21st century, where it is sought, in an elementary way, the presentation of a path for reflection of the contemporary subject, without offering complete solutions, but, in a clear and thorough way, present possibilities and opportunities, without renouncing a critical examination and taking a position. It is perceived that the forms of social organization suffer, today, a profound change in their way of being, which often impose on the subject the need for a continuous development of his ability to face challenges with regard to his way of being, organize professionally, to relate to people and to an increasingly technological and globalized world that appears around them. In this sense, Clinical Philosophy can play an important role in this process, insofar as it has the capacity to assist people in the process of professional choice from a deep reflection of themselves and the environment in which they are inserted, with the help of the knowledge that has been left to us, over more than two thousand years, by the philosophical tradition of Western culture.

Keywords: Clinical Philosophy. Vocational Guidance. Labor Market. Contemporary.

Introdução

A Filosofia Clínica e a Orientação Vocacional constituem o tema que nos ocupa. O homem do início do século XXI está no centro de uma revolução tecnológica, que possibilitará novas formas da sociedade se materializar no tempo e espaço. A produção de dados gerais dobra a cada dois anos, segundo nos aponta a consultoria do IDC, empresa líder em inteligência de mercado e consultoria nas indústrias de tecnologia da informação (O GLOBO - Sérgio Matsuura - 02/09/2012). E se novas formas de trabalho surgirão, e velhas formas de trabalho desaparecerão, o desafio

do sujeito contemporâneo está em saber escolher uma profissão que tenha a possibilidade de existir no futuro, e, para uma escolha consciente e reflexiva, a Filosofia Clínica pode ser importante. Nessa direção, durante o processo, o partilhante pensa junto com o Filósofo Clínico, e assim se conhece melhor, amplia a visão do ambiente que o circunda, e de forma mais consciente e talvez menos traumática assume uma posição que influenciará toda sua vida no presente com consequências para o seu futuro.

O dinamismo social do século XXI faz surgir inúmeras perguntas, tais como: O que é a vida? Qual é o seu sentido? Para que vivemos? Em que posso ser útil nesse mundo? Munida de uma longa herança de profundo pensamento crítico, a Filosofia Clínica poderia, por exemplo, começar a responder a tais questionamentos com as seguintes respostas: A vida é um projeto em construção. E é o homem que dá sentido à sua vida, e este sentido depende das buscas que cada ser humano empreende, do padrão ético e dos valores morais adotados e nos quais ele acredita e também por aquilo que ele entende que vale a pena viver.

Segundo o artigo: "Mundo do trabalho e renda até o ano de 2026" (Folha de São Paulo do dia 28/jan/2019): robôs ameaçam 54% dos empregos formais no Brasil. Até 2026, 30 milhões de vagas poderão ser fechadas, de acordo com estudo inédito que avaliou 2.602 ocupações. Como podemos lidar com este enorme desafio, visto que esse impacto gerado pela robotização do mercado de trabalho implicaria em uma falta real de empregos formais para uma população em idade economicamente ativa?

Tecnicamente o homem usa toda a sua energia para dois fins básicos: a sobrevivência e a perpetuação da espécie, ou seja, a reprodução, uma vez que a sobrevivência esteja garantida. O ser humano é livre, está situado em um espaço tempo singular, onde não se repete e nem pode ser copiado. Para melhor entendermos esta questão podemos citar Carvalho, que diz: "o homem é livre, capaz de por suas escolhas realizar um caminho próprio ou um projeto existencial. O destino do homem está em suas mãos e que sua vida será o singular resultado do que ele fizer" (2013. p. 77).

Qual é a ação que possibilita a sobrevivência e a reprodução da espécie em uma sociedade capitalista? É o trabalho, o qual é toda atividade e energia despendida com a intenção de conseguir um determinado bem, para atingir um objetivo, individual ou coletivo. Então, para qual direção a humanidade está voltada para suprir suas necessidades? Para o futuro, o qual traz novidades e projeta a vida humana. Posição defendida por Carvalho, onde ele diz: "existir implica, para o ser humano, prosseguir em direção ao futuro, cuja abertura de possibilidades não se limita a uma projeção do passado" (CARVALHO apud FORGHIERI, 2013, p. 74).

Nessa direção, escolher uma profissão é escolher um modo de ser no espaço e tempo. É estar atrelado a uma forma de vida, executar uma atividade laboral a partir do livre arbítrio, mesmo que venha a sofrer inúmeras interferências do ambiente a sua volta, o que, muitas vezes, exige

uma atitude pragmática, onde o útil deve se unir ao agradável, na busca de um resultado efetivo.

1. O Papel do Filósofo Clínico na Orientação Vocacional e Profissional

A revolução tecnológica, em curso desde o início do século XXI, pouco diz sobre os bastidores da sociedade, quais são os reais objetivos, a quem interessa e por que tal revolução, sem a devida avaliação ética e diálogo com a sociedade, deve ser implementada e servir de paradigma para moldar o futuro. Podemos estar no início da formação de uma sociedade tecnológica incapaz de perceber a importância dos valores humanistas na formação do cidadão, potencializando valores econômicos capitalistas e aumentando as estruturas de opressão da classe dominante.

O Filósofo Clínico, enquanto tal, tem um importante papel a desempenhar. Como um sujeito lúcido, pode ser o ponto de resistência e conscientização do sujeito contemporâneo na construção e transformação da sociedade através de uma orientação vocacional e profissional voltada para um fim, que seja o bem comum. Nesse sentido, ao demonstrar uma postura crítica em relação aos modelos educacionais que formam os jovens para representarem um papel social na sociedade – e assim faz com que estes encontrem-se a serviço de uma classe dominante (que ambiciona aumentar continuamente o seu poder financeiro e político) – o Filósofo Clínico pode auxiliar as pessoas a escolherem as suas profissões de modo mais consciente e autônomo.

Em relação a este ponto, podemos ter como referência as críticas marxistas da educação presentes no pensamento do filósofo francês Louis Althusser, para quem os aparelhos ideológicos do Estado demonstram uma importante conexão com a educação e a ideologia, que é constituída por aquelas crenças que nos levam a aceitar as estruturas sociais (capitalistas) existentes como boas e desejáveis. A produção e disseminação das ideologias são feitas, assim, pelos aparelhos ideológicos de estado (a religião, a mídia, a escola, a família). A escola se mostra como um aparelho ideológico central porque atinge toda a população através de seu currículo, por um período prolongado de tempo. Vale dizer, a escola, na visão de Althusser, ensina, por exemplo, as pessoas das classes subordinadas à submissão e à obediência, enquanto as pessoas das classes dominantes aprendem a comandar e controlar. A permanência da sociedade capitalista depende, então, não apenas da reprodução de seus componentes econômicos (força de trabalho e meios de produção), mas também de seus componentes ideológicos. Tal análise identifica, de maneira precisa, a estreita ligação que há entre a escola e a economia, entre a educação e a produção. A escola é, por isso, um reflexo da economia capitalista ou do local de trabalho capitalista.

2. A Formação do Jovem na Educação Básica o Novo Sujeito Contemporâneo

A educação no Ensino Básico é importante por formar o “capital cultural” do jovem discente, ou seja, o conhecimento acumulado formado ao longo do tempo. É através da reprodução da cultura dominante que a reprodução mais ampla da sociedade fica garantida. Nas escolas o currículo escolar está baseado na cultura dominante. Ele se expressa na linguagem dominante, sendo transmitido através do código cultural dominante. A forma de reconhecimento do saber pertence, pois, à classe dominante. As crianças e jovens da classe dominante compreendem esse código e são bem-sucedidas na vida, enquanto as crianças e jovens das classes dominadas que não dominam e compreendem esse código não são bem-sucedidas na vida. Nessa engrenagem desse modo de produção econômico do capitalismo, o capital cultural da classe dominante é reconhecido e fortalecido; já o capital cultural da classe dominada é rebaixado e até anulado, não sofre qualquer aumento ou valorização. Assim, completa-se o ciclo de reprodução cultural. As classes sociais se mantem tal como existem, garantindo o processo de reprodução social.

Além do currículo explícito, existe um currículo oculto. São as relações sociais nas escolas, que são responsáveis pela socialização das crianças e jovens nas normas e atitudes necessárias para uma boa adaptação às exigências do mercado de trabalho capitalista. Para lidarmos com o currículo explícito e oculto devemos tomar consciência de sua existência, descrever os processos sociais que moldam nossa subjetividade, ter um instrumento analítico de penetração na opacidade da vida cotidiana, tornar transparente aquilo que se apresenta como opaco, pois muitas vezes o ato de ocultação é resultado de uma ação impessoal, abstrata, estrutural. Com a ascensão do paradigma neoliberal, o currículo oculta os valores capitalistas, mostra-se como expressão do capitalismo financeiro, que é a forma de expressão de poder da classe dominante. Como nos diz Silva (2005):

O currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes. [...] O que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações que permitem que crianças e jovens se ajustem da forma conveniente às estruturas e às pautas de funcionamento, consideradas injustas e antidemocráticas e, portanto, indesejáveis, da sociedade capitalista. Entre outras coisas, o currículo oculto ensina, em geral, o conformismo, a obediência, o individualismo. Em particular, as crianças das classes operárias aprendem as atitudes próprias ao seu papel de subordinação, enquanto as crianças das classes proprietárias aprendem os traços sociais apropriados ao seu papel de dominação. Mais recentemente, nas

análises que consideram também a dimensão do gênero, da sexualidade ou da raça, aprende-se, currículo oculto, como ser homem ou mulher, como ser heterossexual ou homossexual, bem como a identificação com uma determinada raça ou etnia (SILVA, 2005, p. 78 e 79).

É neste momento de descortinar a realidade que a Filosofia Clínica tem um importante papel a desempenhar no Ensino Médio, qual seja, a construção de resistências das classes dominadas frente a esse mecanismo de educação maciça e disciplinadora, bem como a conscientização das classes dominantes frente às consequências devastadoras desse modelo educacional vigente na atualidade. Vale dizer, é a oportunidade da construção de uma sociedade mais justa a partir da orientação dos jovens do Ensino Médio, o novo sujeito contemporâneo. Essa orientação se faz a partir da contratação dos serviços de um Filósofo Clínico que, ao longo de 6 meses ou 24 sessões, irá pensar criticamente junto com o jovem a sua realidade, a realidade do seu entorno e as possíveis possibilidades de escolha profissional. Tal ação é importante tendo em vista que serão estes jovens os responsáveis pela sociedade do futuro. É neste momento que se deve aprimorar a capacidade de leitura, compreensão, interpretação e análise da trajetória existencial da vida.

Assim a Filosofia Clínica poderá propiciar ao jovem em formação o desenvolvimento de uma reflexão acurada, de maneira lógica e teoricamente fundamentada nos diferentes discursos propagados pelos modernos meios de comunicação. Além disso, ela poderá propor novas possibilidades de ação humana face às transformações da nova ordem mundial.

Isso quer dizer que ao fazer o uso de temas filosóficos que desafiam o homem diante dele mesmo, do mundo, da história e do transcendente, a Filosofia Clínica inicia o jovem no processo vocacional, uma vez que o estimula a tomar posições diante de si e do mundo, contribuindo, dessa maneira, para o desenvolvimento de uma fundamentação socialmente responsável, com uma visão abrangente, crítica e humanística, a partir de uma concepção integradora e justa.

A definição de uma vocação e profissão no Ensino Médio não poderá, pois, mostrar-se alheia a uma política de educação alinhada com a promoção do bem comum e com a construção de uma sociedade emancipadora e que seja capaz de acolher a multiplicidade de gêneros, classes, etnias, raças e culturas que nos constituem. Significa dizer que uma nova forma de pensar a sociedade e o processo educacional a ela inerente passa pela resistência e transformação da realidade, através das oportunidades que aparecem ao longo da história. Estar consciente desta realidade é estar mais bem preparado para escolher de forma mais engajada, autônoma e criticamente responsável.

3. A Orientação Vocacional e Profissional

O objetivo da orientação vocacional e profissional é informar o que se passa no mundo real, numa tentativa de estabelecer uma correspondência entre a realidade e a teoria, sem desconsiderar o desejo daquele que a procura. Sabemos que a teoria visa representar, refletir, espelhar a realidade. Nessa direção, a projeção de um currículo é o objeto que precede a teoria, ou seja, existe e está por ser descoberto pela investigação da vocação profissional de cada ser humano.

A questão central que serve de pano de fundo para qualquer teoria é a de saber qual conhecimento deve ser ensinado, qual conhecimento ou saber é considerado importante e válido, ou essencial, para merecer ser considerado como parte de um currículo. O currículo será, assim, o resultado de uma seleção, de um universo de conhecimentos e saberes. E a teoria que formulará o currículo busca justificar porque esses e não aqueles conhecimentos são selecionados.

O objetivo da investigação vocacional é definir o que os jovens desejam se tornar, ou pretendem ser. O currículo buscará, então, caracterizar as pessoas e responder a seguinte pergunta: qual é o tipo de ser humano desejável para um determinado tipo de sociedade? Ou seja, será a pessoa racional e ilustrada do ideal humanista de educação? Será a pessoa otimizada e competitiva dos atuais modelos neoliberais de educação? Será a pessoa ajustada aos ideais de cidadania do moderno estado-nação? Ou será a pessoa desconfiada e crítica dos arranjos sociais existentes? Cada modelo de ser humano corresponde a um tipo de conhecimento, a um tipo de currículo, que passa a ser uma questão de identidade. O futuro privilegiará um tipo de conhecimento, destacará entre as múltiplas possibilidades algumas possibilidades em um determinado momento da vida da pessoa, sem desconsiderar o contexto social no qual ela vive.

Inúmeros autores, dentre eles Michel Foucault, destacam que existe uma estreita conexão entre a pedagogia e a política, entre a educação e o poder, sendo necessário realizar uma contestação crítica dos modelos técnicos de produção do conhecimento, bem como de currículos dominantes. O currículo é uma política cultural, constrói significados e valores culturais, o que faz com que o mesmo não transmita apenas fatos e conhecimentos objetivos, mas que também produza e crie significados sociais. A partir de tal constatação nos é possível, então, notar que há uma ligação estreita entre as relações sociais de poder e as desigualdades que constroem a política cultural. Como nos diz Foucault (2015), somos governados por mecanismos sutis de poder a todo o momento.

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas

que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 2015, p. 45).

Para a compreensão dos processos de dominação, podemos entender que o processo de globalização é precisamente a extensão dos níveis de exploração econômica da maioria dos países do mundo por um grupo reduzido de países e mais precisamente de pessoas nos quais se concentram a riqueza mundial.

O currículo é, segundo destaca Foucault (2015), um espaço de poder, induz formas de saber, produz discurso e carrega as marcas indeléveis das relações sociais de poder, reproduzindo culturalmente as estruturas sociais e também transmitindo a ideologia dominante, ou seja, ele é um território político.

Assim, a formação da consciência dominante ou dominada é determinada pela gramática social do currículo que, enquanto tal, é uma invenção social como qualquer outra: O Estado, a Nação, a Religião, a Família, etc.; sendo todos esses elementos o resultado de um processo histórico. E não há conhecimento fora desses processos. Dessa forma, o currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais percebemos em uma análise superficial. É um lugar, um espaço, um território; é, pois, uma relação de poder. Não sem razão que a classe dominante determina a estrutura do currículo e, com isso, as bases necessárias para a formação de mão de obra para o trabalho em suas organizações empresariais.

4. O Uso da Filosofia na Orientação Vocacional e Profissional

Os seres humanos estão sempre entrando ou saindo de determinadas situações da vida. E para nos conhecermos melhor devemos questionar o ato e a estrutura do próprio pensar. E se o cérebro humano é o órgão por excelência do pensamento, caberia questionar se o pensamento, enquanto tal, seria dotado de cor, forma, peso, massas ou comprimento. Quer dizer, em última instância, o que nos leva a pensar? E com qual finalidade? Se os pensamentos são lembranças, como ficam guardadas? Se forem estados eletroquímicos do cérebro, como se mantêm? Se forem moleculares, como se renovam? Como se acessa os dados sempre que se quer?

Sabemos que quando envelhecemos os pensamentos mudam, ou seja, nem sempre acessamos o que queremos e muitas pessoas se lembram, na maioria das vezes, de fatos muito longínquos. Contudo, o fato é que o cérebro faz o ser humano pensar. E cada vez mais na atualidade nos deparamos com a necessidade de oferecermos às gerações mais novas

instrumentos cognitivos/conceituais para exercerem a atividade filosófica. Nesse sentido, cabe ao Filósofo Clínico perceber as tendências e os interesses do sujeito contemporâneo (partilhante), e aplicar a melhor forma de pensar para metodologicamente gerar informação e orientação, possibilitando que os mesmos percebam a existência do “jogo de linguagem” que, segundo Ludwig Wittgenstein (2014, p. 19), é a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada.

O objetivo é a orientação do sujeito contemporâneo (partilhante), é torná-lo crítico e participativo perante o país em que se encontra inserido e capaz de perceber e avaliar conceitos que lhe permitam pensar sobre si mesmo e sobre seu mundo, é torná-lo capaz de transformar a sociedade, tornando-o criativo, político e inovador frente aos desafios da vida que fazem parte de um processo existencial e sócio-histórico.

Neste contexto, o Filósofo Clínico pode fazer uso da lógica, que é uma disciplina da filosofia que analisa as condições que tornam um raciocínio válido. Aristóteles foi a filósofo da antiguidade que escreveu o primeiro conjunto de livros, que se chama *Órganon*, e significa instrumento. Definiu a lógica como um instrumento que avalia a validade de um argumento, se este possui incongruências, e estabelece regras que devem ser observadas. Um exemplo é a lógica formal, que analisa a forma dos argumentos. Ela se ocupa com os princípios e as regras da argumentação em seus aspectos formais, sem levar em conta o conteúdo. Faz-se a necessidade de uma análise mais aprofundada e ampla para obter a validade de um argumento. Aí entra a Filosofia Clínica com o papel de realizar a orientação vocacional e profissional.

O objetivo principal da lógica é o raciocínio, que é composto de juízos e conceitos. A lógica fornece conceitos e regras de raciocínios a serem validados e que servem de base para o desenvolvimento de todas as ciências na análise da validade de seus argumentos. Nestas ciências incluem-se as ciências humanas, que formam e orientam o sujeito contemporâneo (partilhante).

Se os conceitos constroem juízos, na lógica os conceitos formam as ideias gerais que estão associadas a palavras e símbolos. Nesse sentido, o conceito não é algo simples, visto que são seus componentes que o definem, em forma de cifra cheia de multiplicidade. O conceito é, pois, uma articulação, corte e superposição; ele nos leva a um problema, que é compreendido a partir do momento que tem ou não tem uma ou mais soluções. Assim, a lógica é o instrumento filosófico para trabalhar o conceito e possibilitar ao Filósofo Clínico enveredar por novos caminhos com o sujeito contemporâneo (partilhante) em seu processo de orientação vocacional e profissional.

A tarefa do Filósofo Clínico não consiste meramente em recortar um domínio do saber para passá-lo ao sujeito contemporâneo (partilhante), mas antes, construir um espaço compartilhado em que possa ser possível

filosofar. É, por excelência, um convite a pensar juntos, Filósofo Clínico e partilhante, pois não há uma única forma de pensar.

Vale destacar que é possível uma orientação vocacional de muitas maneiras, sendo o ato de filosofar, segundo os pressupostos da Filosofia Clínica, uma construção intersubjetiva, onde a formação de conceitos se apoia em uma série de elementos objetivos e conjunturais da realidade dada. Com isso, uma boa ação e prática é aquela que puder levar adiante uma construção, de forma ativa e criativa, possibilitando novos pontos de vista e perspectivas.

Na filosofia não há progresso, não há caminho, há possibilidades, o que interessa não é aquilo que o Filósofo Clínico sabe, mas aquilo que ele problematiza e que revela conjuntamente com o sujeito contemporâneo (partilhante). O que interessa é abertura para o novo, para outras formar e possibilidades de pensamento.

A filosofia é um exercício do pensamento, um pensar por si mesmo, uma criação e uma autonomia intelectual. O Filósofo Clínico é importante para introduzir o sujeito contemporâneo (partilhante) no ato do pensar, mas permitindo que depois este sujeito contemporâneo (partilhante) faça seu próprio começo, que comece a pensar por si mesmo, para além do Filósofo Clínico. Todo este trabalho de orientação vocacional e profissional é um exercício de apelo à diversidade, ao perspectivismo. É um exercício de acesso a questões fundamentais da existência humana; movimento de abertura ao risco, de busca pela criatividade e por pensamento sempre fresco. Quer dizer, a filosofia é um exercício da pergunta e da desconfiança da resposta fácil. E aquele sujeito que não estiver disposto a tais exercícios, dificilmente encontrará o mínimo de respostas para desafios que se colocam deste a aurora do século XXI.

Ora, se a filosofia produz conceitos, e se os conceitos são sempre criados a partir de um problema ou de um conjunto de problemas, um dos deveres do Filósofo Clínico é possibilitar ao sujeito contemporâneo (partilhante) a pensar sobre os problemas. Segundo Deleuze e Guattari (2010), não há conceito simples. Isto é, "todo conceito tem componentes, e se define por eles. [...] Todo conceito remete a um problema, a problemas sem os quais não teria sentido, e que só podem ser isolados ou compreendidos na medida de sua solução" (2010, p. 23-24). Dessa maneira, orientar vocacional e profissionalmente um partilhante seria abordar aspectos da vida, que estão permeados de conceitos, que são capazes de direcionar a vida de uma pessoa. Vale dizer, o pensar junto, a formulação de questões e o debate sobre as possibilidades, ampliam o conhecimento do eu em relação a si mesmo e ao ambiente que o circunda, possibilitando uma maior liberdade e satisfação pessoal na escolha vocacional.

O desafio do Filósofo Clínico com o partilhante é fazer com que ele pense de forma lógica a partir de conceitos filosóficos, ao estar atento aos "jogos de linguagem". Sabemos que o momento histórico pelo qual estamos

passando faz da filosofia uma possibilidade indispensável, principalmente porque nos deparamos, cotidianamente, com profundas mudanças nas formas de interação e relações humanas, o que produz nos sujeitos contemporâneos muitas preocupações, angústias, ansiedade generalizada e diferentes tipos de transtornos psicológicos, principalmente a depressão, que já é considerada a doença por excelência do Século XXI.

Assim, perceber os “jogos de linguagem” é estar preparado para fazer perguntas e questionamentos com fundamentação lógica, no intuito de se posicionar perante a existência e com isso desenvolver uma forma de comunicação ordenada e clara, capaz de surtir os seus efeitos práticos. A lógica para o partilhante tem que ter um fim objetivo, com a possibilidade de tornar a vida mais assertiva e menos sujeita às manipulações do mundo que o rodeia.

5. A Escolha de um trabalho que tenha sentido existencial e possa trazer realização financeira

A escolha de um trabalho que traga prazer pode também significar o alcance da felicidade sempre temporária e episódica, dado a contingência inerente ao existir, não levando em consideração todo o sentido existencial do trabalho, que mesmo também realizado com dor e sofrimento pode causar um bem maior, voltado para si e para a coletividade. Todo movimento está voltado para um fim, e este fim deverá estar provido de uma utilidade e um sentido, visto que sem estes, o trabalho torna-se para o ser humano algo insuportável e repleto de dor. Vejamos a seguinte fala:

“Ocorreu-me de certa vez o pensamento de que se alguém quisesse arruinar e destruir totalmente um homem, infligindo-lhe o castigo mais terrível, algo que fizesse tremer o mais cruel assassino e o levasse a se encolher por antecipação, bastaria obrigá-lo a dedicar a um trabalho absolutamente desprovido de utilidade e sentido”.
(KRZNARIC apud DOSTOIEVSKI, 2012, p. 6)

É possível que uma pessoa conquiste um trabalho ideal, que a faça ganhar dinheiro, possuir bens materiais, realizar sonhos incomuns, mas não a faça se sentir feliz. Ao fazer a escolha do trabalho, ela se orientou por princípios que constituíram o seu modo de ser atual. E este modo de ser atual pode estar em conflito na sua malha intelectual, fazendo-se necessário uma revisão de sua orientação vocacional, com fins a uma profissão, ou seja, um novo trabalho. Para entender este conflito analisamos a fala de Roman Krznaric: “A vida parece oferecer uma terrível escolha: dinheiro ou sentido” (KRZNARIC. 2012. p. 10). O trabalho dos sonhos é conciliar os dois caminhos, que é um achado, como um valioso e incomum diamante. O

alinhamento do trabalho com o eu existencial é fundamental para que a pessoa se sinta plena.

Sabemos, contudo, que a dinâmica da vida contemporânea faz com que as pessoas não fiquem muitos anos no mesmo emprego. E isso faz com que haja inúmeros ciclos de experiências vividas com diversos tipos de trabalho. A questão que se coloca então é: o1 que move o ser humano? Quais são os princípios que fundamentam o seu modo de ser? A orientação vocacional e profissional via Filosofia Clínica é uma opção para toda a vida, em seus vários momentos, por isso não há limite de idade, podendo começar na adolescência e se estender por toda a vida. O objetivo do partilhante, ao conhecer os choques existenciais, é resolvê-los na medida do possível e se libertar para a vida, podendo, assim, assumir um projeto de vida autêntico que se construa continuamente na escolha de um trabalho que seja edificante e que amplie os horizontes.

6. A escolha do método da Filosofia Clínica para a orientação vocacional e profissional

Antes de entrarmos na prática clínica da Filosofia Clínica, podemos dizer que existem pessoas que escolhem seus caminhos profissionais com base em profundas raízes históricas de suas famílias, ou seja, buscam ser o que os seus pais foram. Dessa maneira, assumem caminhos educacionais que, inspirados ou muitas vezes pressionados pela tradição familiar, afetam a própria vida por anos. Segundo a posição de Krznaric, o jovem está diante do seguinte problema ao tentar escolher uma carreira profissional:

A maneira como a educação pode nos prender às nossas carreiras, ou pelo menos direcionar substancialmente o caminho que seguimos, não seria problemática se fôssemos excelentes juizes de nossas personalidades e interesses futuros. Mas não somos. Aos 16 anos, ou mesmo na casa dos 20, você realmente sabia o tipo de carreira que estimularia sua mente e ofereceria uma vocação significativa? Você tinha alguma ideia de quais eram as opções de trabalho disponíveis? A maioria de nós não tem experiência de vida – e de nós mesmos – para tomar uma decisão acertada nessa tenra idade. [...] O resultado é que as pessoas muitas vezes se veem presas em carreiras que não combinam com a sua personalidade, seus ideais ou expectativas (KRZNARIC, 2012, p. 36 e 37).

Diante desse contexto, o Filósofo Clínico pode atuar como um “conselheiro de carreira profissional”, aplicando a técnica da Filosofia Clínica ao pensar e construir caminhos junto com diversos públicos: jovem adolescente, recém-formado; pessoas que acabaram de ser demitidas; adultos que passam pela chamada crise da meia-idade; quer dizer, todo tipo de pessoa que deseja se posicionar vocacional e profissionalmente, ou

seja, “partilhantes” que de alguma forma querem resolver um conflito existente em sua malha intelectual.

Conforme destaca Krznaric (2012), existe uma variedade muito grande de técnicas de aconselhamento profissional e isso faz com que fiquemos atentos para pelo menos uma forma em especial. Nas palavras do autor:

Uma forma merece atenção especial, tanto por causa de sua onipresença quanto por seus potenciais perigos: aconselhamento de carreira com base em testes de personalidade. A ideia de que é possível preencher um questionário padronizado e encontrar um par perfeito entre o seu tipo de personalidade e determinada carreira é sedutora. Mas fortes indícios sugerem que esse é um método essencialmente falho, que, apesar de ter alguns benefícios, gera expectativas que raras vezes são cumpridas. Uma razão importante pela qual a busca por uma carreira gratificante pode ser tão difícil é que essa abordagem “científica” à orientação profissional raramente fornece as respostas que esperávamos. Para explicar com exatidão por que isso é assim, precisamos voltar às raízes da orientação vocacional propriamente dita (KRZNARIC, 2012, p. 41).

A razão da imprecisão dos testes psicométricos é que somos seres muito mais complexos do que os testes podem revelar. É muito mais real e sólido encontramos o nosso trabalho ideal por meio de experiências no mundo do que fazendo testes em formulários fechados e preestabelecidos.

A Filosofia Clínica vai trabalhar questões do cotidiano. É um momento único para refletir sobre as formas de vida, construir a própria existência e definir maneiras de lidar com os problemas. Para quem busca a Filosofia Clínica para uma orientação vocacional e profissional, estes são os problemas imediatos a serem trabalhados. A proposta é buscar explicações, realizar questionamentos, abordando questões cotidianas, para, assim, estabelecer um diálogo entre o partilhante e o Filósofo Clínico, tudo isso no intuito de pensar juntos e construir formas de vida mais adequadas para os desejos, possibilidades e necessidades do partilhante.

A Filosofia Clínica enquanto tal tem um início definido, consistente e sólido, e está preparada para realizar uma orientação vocacional e profissional com competência e qualidade. Segundo nos aponta Monica Aiub (2010), a Filosofia Clínica se faz:

a partir de conceitos, que possuem uma gênese. Ela necessita da pesquisa dos contextos, observando as condições de satisfação de nossos desejos, crenças e intenções na realidade na qual estamos inseridos. Ela supõe um profundo conhecimento de si e da realidade, para que possamos pensar com fundamentos, acerca das questões que necessitamos enfrentar. [...] A filosofia clínica nos remete à construção de

formas para enfrentarmos as dificuldades do existir (AIUB, 2010, p. 10 e 11).

Inicialmente, a pessoa que procura o consultório de Filosofia Clínica para ter uma orientação vocacional e profissional terá, como base, uma questão existencial. O primeiro passo, então, será traçar um histórico da questão apresentada. Mas isso não significa que vamos pressupor uma hipótese para a resolução da mesma, nem tampouco iremos apresentar soluções apressadas, mas sim vamos investigar, começando com perguntas do tipo: "Fale mais sobre isso. Conte-me: o que houve? Quando isso começou? Conte-me a partir daí". Quer dizer, a postura do filósofo clínico diante do problema é assumir que não sabe nada, suspender seus juízos aos moldes da *Epoché* de Husserl e pesquisar a história do problema. Isso implica em saber como começou, o que significa, como funciona etc. Será feita uma investigação da história do partilhante que apresenta a questão, e a contextualização do problema, como um todo abrangente, daquela história. Será um convite à reflexão e à investigação crítica, para buscar uma solução para a questão apresentada.

7. A Prática Clínica

O partilhante vem para o consultório sabendo que está em busca de uma orientação vocacional e profissional. Ao profissional cabe expor ao partilhante como funciona e qual será, previamente, a duração do processo. A sugestão para a duração da clínica filosófica é de seis meses aproximadamente, com um encontro semanal, cuja duração mínima será de uma hora. Espera-se que com vinte quatro sessões, pelo menos, se tenha uma solução para a questão apresentada. Mas tudo dependerá da movimentação existencial da pessoa, sendo assim, tudo pode ser readaptado conforme a necessidade do partilhante.

A primeira conversa é sobre o Assunto Imediato, o que move a procura da orientação vocacional e profissional. Desde o primeiro contato é o partilhante que dá o tom do processo de orientação vocacional e profissional. Posteriormente é pedido que o partilhante relate a sua historicidade. Com isso, busca-se localizar existencialmente a questão do partilhante, bem como os seus modos de ser.

Ao longo do acompanhamento da historicidade da pessoa, o filósofo clínico observa os movimentos existenciais a partir de três eixos: Exames das Categorias, Estrutura de Pensamento e Submodos. São feitos agendamentos mínimos; o objetivo é que a pessoa expresse suas vivências a seu próprio modo, perceber a sua estrutura, seus contextos e a suas formas de lidar com o problema. Ainda se faz uso de outras técnicas, tais como os processos divisórios e enraizamentos.

O filósofo clínico pesquisa, aceita e compreende o modo de ser do partilhante, seu universo existencial. Assim, finalizada esta fase, inicia-se outra, onde o filósofo clínico provoca o partilhante a observar pontos ainda não observados, ampliando o foco e possibilitando novas e diferentes perspectivas, que podem, por sua vez, contribuir para o surgimento de novas ideias. O assunto imediato pode ser a questão do problema, mas também pode-se descobrir uma nova questão que é real, e esta se torna o assunto último. É neste processo de descoberta que o partilhante passa a se conhecer melhor o ambiente em seu entorno e as possibilidades para enfrentar com segurança as suas questões, a partir de novas escolhas e decisões.

Considerações finais

A revolução tecnológica prevista para o início do século XXI provará que não existe um conceito de normalidade, ou seja, um padrão a ser seguido pelo novo sujeito contemporâneo. O homem nunca será tão singular e original na sua forma de ser no mundo, pois existirá uma enorme gama de opção e caminhos por explorar. Ao mesmo tempo em que existirão inúmeras possibilidades, tudo poderá ser fruto de enorme tensão e insegurança para o sujeito despreparado e mal orientado. Para decifrar o presente com vistas a um futuro, a orientação vocacional e profissional, via Filosofia Clínica, oferece a possibilidade de rever a própria vida e, assim, escolher o próprio destino.

A luta do sujeito contemporâneo será pela realização plena de sua singularidade existencial, liberta de prejuízos, de dogmas e dos conceitos impostos por uma classe dominante, que tem insaciável apego pelo poder, controle, manipulação, padronização como forma de realização da reengenharia social, para, dessa forma, garantir a máxima obtenção de lucros financeiros.

Não existe um caminho certo a seguir, mas há, inevitavelmente, uma escolha a fazer. Ser um sujeito contemporâneo que resiste ao establishment, a ordem ideológica, econômica, política e legal que constitui uma sociedade ou um Estado, articulada pela elite social, econômica e política do país é, sem dúvida, um grande desafio. A busca por uma orientação vocacional e profissional via Filosofia Clínica exige, então, coragem, pois é feito por pessoas dispostas a realizarem uma busca em direção a gênese de seus conflitos, para, a partir deles, sustentar suas escolhas existenciais e, assim, construir novas formas de se perceber e também de se relacionar com o mundo. O objetivo é, pois, que ao final da orientação, o partilhante escolha um caminho mais assertivo e pleno, que traga mais felicidade e realização. O papel do Filósofo Clínico será de mediador no diálogo que o partilhante trava consigo mesmo, visto que quem escolhe, decide e segue em frente é o próprio partilhante. É o

momento que se dá um sentido existencial para a própria vida e, assim, se direciona para um fim único e absolutamente singular.

Referências

AIUB, Monica. *Como ler a filosofia clínica: prática da autonomia do pensamento*. São Paulo: PAULUS, ²2010.

ARISTÓTELES. *Órganon*. Categorias, da interpretação, Analíticos anteriores, Analíticos posteriores, Tópicos, Refutações sofisticas. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. Bauru: EDIPRO, ²2010. (Séries Clássicos Edipro).

CARVALHO, José Maurício de. *Diálogos em filosofia clínica*. São Paulo: FiloCzar, 2013.

DELEUZE, Gilles. 1925 – 1995. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, ³2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, ³2015.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *História da educação brasileira: leituras*. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

KRZNARIC, Roman. *Como encontrar o trabalho de sua vida*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. (The school of life).

MUTSUURA, Sérgio. Produção de dados dobra a cada 2 anos, diz consultoria do IDC. In: *O Globo*. Publicado em 02 de setembro de 2012. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/economia/producao-de-dados-dobra-cada-dois-anos-diz-consultoria-do-idc-5980214> >. Acesso em: 02 ago. 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade*. Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, ²2005.

SOUZA PINTO, Ana Estela de. Robôs ameaçam 54% dos empregos formais no Brasil. In: *Folha de São Paulo*. Publicado em 28 de janeiro de 2019. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/01/robos-ameacam-54-dos-empregos-formais-no-brasil.shtml> >. Acesso em: 02 ago. 2019.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Tradução Marcos G. Montagnoli; revisão da tradução e apresentação Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, ⁹2014.